

O TEMPO, O ACASO E A FELICIDADE

Marco Antônio de Matos

Aluno do Curso de Filosofia – Universidade Mackenzie

INTRODUÇÃO

Esta especulação filosófica irá abordar temas que ao longo de 25 séculos foram investigados por inúmeros filósofos e pensadores, mas que apesar disso, não se chegou a um consenso que satisfizesse a todos. Destarte, tendo em vista a complexidade que tais assunto suscitam, não almejamos, trazer nova luz a eles, entendemos que seria presunção de nossa parte querer lograr êxito onde mentes tão brilhantes de certa forma falharam. Contudo, apesar de não desejarmos reinventar a roda, também não entendemos como mérito, simplesmente repetir o que já foi dito. Para resolver a aporia a qual criamos, partiremos de algumas premissas já enunciadas em obras de dois grandes filósofos, a saber: Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) e Boécio (480-524 d.C.). Apresentaremos estas premissas *Ipsis litteris* e em seguida, teceremos nossos comentários baseados no que delas abstraímos como opinião do autor, somados a nossa própria bagagem empírica.

Cientes das dificuldades que permeiam tal empresa, tentaremos investigar o que é o Tempo e como é nossa percepção sobre ele, da mesma forma, desejamos também entender de que maneira o acaso nos atinge, se é que de fato ele existe e finalmente, discorreremos sobre a felicidade, que sem dúvida alguma pode ser considerada a finalidade (*telos*) de todo ser humano.

O TEMPO

Para Santo Agostinho a criação do mundo e o tempo estão intimamente ligados, e a partir deste pensamento ele responde questões colocadas por alguns filósofos pagãos, que duvidavam da noção de criação vigente naquele período. Esses filósofos questionavam que se Deus criou o mundo no tempo, seria difícil pensar na perfeição divina, pois haveria um antes e um depois da criação, sendo assim perguntavam, "O que fazia Deus antes de criar o mundo?" Agostinho primeiramente vê a necessidade de explicar a diferença entre eternidade e temporalidade, ou seja, a diferença crucial entre Criador e criatura. Deus vive na eternidade onde nada nunca passa, tudo é sempre presente, enquanto que os pensamentos dos homens estão presos às sucessões dos tempos passados e futuros. Deus está fora do tempo, e ao criar o mundo, cria também o próprio tempo, sem a criação, o tempo não existiria.

A noção de tempo que nos foi ensinada desde a infância comporta três tempos, o pretérito, presente e futuro, assim de posse deste conhecimento vivemos no automático, sem pensar muito no assunto, mas Santo Agostinho analisa a questão sob outra perspectiva. Ele estuda o tempo não sob uma ótica da ontologia, não sobre o que ele é em si mesmo, mas sim, a partir de um aspecto psicológico onde relaciona sua transitoriedade com o ser e o não ser.

De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?

De fato não podemos negar que o presente é incerto, pois para que ele exista é preciso que deixe de existir, alternando do ser (presente) para o não ser (pretérito) e renasce de um não ser que está sempre em devir (futuro), voltando novamente ao ser (presente) repetindo este ciclo constantemente. O que aqui chamamos de ciclo convencionou-se chamar de anos, meses, dias, horas e outras denominações com vista em medir a duração do tempo. Parece-nos que conseguir medir o tempo deu ao ser humano a ilusão de que o controla, e este pseudocontrole transformou-se em algo essencial para estruturar sua realidade, tanto é assim, que as pessoas falam sobre o futuro com plena convicção de que ele virá, quando na verdade, se bem analisarmos, veremos que o amanhã não é uma certeza, mas sim, apenas uma mera possibilidade.

Santo Agostinho disse também que:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três.

Acreditamos que por ser tão efêmero, o tempo nos escapa, se esvai por entre nossos dedos, levando alegrias e dissabores, cicatrizando feridas de sonhos desfeitos e semeando novos sonhos a serem realizados. Entendemos que ao iniciarmos este parágrafo estamos no presente, quando o terminarmos será passado e ao ser lido por alguém será futuro. Simpatizamos com o pensamento agostiniano de que ao invés de três tempos fixos, temos apenas um tempo que se distende em outros dois, fazendo isso de maneira perene enquanto existir a percepção humana. O

presente das coisas passadas tanto pode ser lembrança do que ocorreu há vários anos, quanto do que acabou de acontecer; a visão presente das coisas presentes resume-se no agora, no que está acontecendo, e por fim, a esperança presente das coisas futuras é aquilo que esperamos que aconteça e varia entre coisas que podem demorar a ocorrer e coisas iminentes, como por exemplo, a sensação de dois amantes vivendo a expectativa que antecede o beijo, segundo antes dele acontecer.

O tempo é implacável transformando cada momento em eterno, não sendo possível desfazer o que já foi feito. No entanto ainda nos é possível utilizar a memória como se fosse uma máquina do tempo e retornar ao passado mentalmente, e alterar nosso ponto de vista em relação ao que já aconteceu. É possível pedir perdão á alguém, ou perdoar a nós mesmos, mudando assim nossa maneira de encarar os problemas. Como dizia o próprio Agostinho *"Pelo que, pareceu-me que o tempo não é outra coisa senão distensão; mas de que coisa o seja, ignoro-o. Seria para admirar que não fosse a da própria alma"*. (Agostinho)

ACASO

Na Grécia antiga a deusa Tyche estava associada aos fatos incompreensíveis e inexplicáveis, ela seria a responsável pelo acaso, fortuna ou destino, tanto dos indivíduos, como de toda cidade. A questão do acaso também é mencionada na seguinte passagem bíblica: *"(..) Percebi ainda outra coisa debaixo do sol: Os velozes nem sempre vencem a corrida; os fortes nem sempre triunfam na guerra; os sábios nem sempre têm comida; os prudentes nem sempre são ricos; os instruídos nem sempre têm prestígio; pois o tempo e o acaso afetam a todos"*. (Eclesiastes 9:11). Diante de tal frase é possível termos uma ideia de que o acaso é um tema difícil de ser discutido, pois envolve outros temas também complexos, tais como o destino, liberdade, determinismo, providência divina e outros que possam a ele ser relacionados. Por tal motivo tentaremos nos manter apenas e tão somente no conceito medieval de fortuna o qual Boécio em sua obra "Consolação da Filosofia" identifica com o acaso e com a sorte.

Boécio era um cidadão romano eminente, rico e influente que de um momento para outro se vê preso, submetido à tortura, desonrado e condenado à morte. Inevitavelmente culpa a fortuna que o abandonou e julga não merecer tal fado. Em sua desesperança fortemente marcada pelo estoicismo, procura um abrigo que lhe apascente a alma, porém, contraditoriamente, sendo cristão, não busca conforto na Igreja, acaba se aconchegando nos seios daquela que sempre o nutriu quando jovem. Boécio busca consolação na Filosofia. Em sua cela no auge de seu desvario, personificada em forma mulher, a Filosofia fala ao condenado sobre o acaso desta forma:

"Com efeito, se Deus obriga todas as coisas a se dobrarem às suas leis, onde haveria lugar para o acaso? Nada pode ser feito a partir do nada: esse é um axioma cuja verdade jamais foi contestada, embora os antigos o fizessem principio, não do principio criador, mas da matéria criada, isto é, da natureza sob todas as suas formas. Ora, se um fato se produzisse sem causa, poderíamos dizer que ele surgiu do nada. E se isto não pode ocorrer também o acaso, tal como o acabamos de definir, não pode se produzir". (BOÉCIO, 2013, pag. 132)

Segundo o que foi exposto, em um primeiro momento a Filosofia parece negar a existência do acaso e de futuros contingentes, mas posteriormente ela invoca o argumento de Aristóteles sobre o assunto. De acordo com ele, quando se age buscando um determinado fim e algo acontece além daquilo que buscamos é chamado de acaso, no entanto, ele não provém do nada. Para que o argumento aristotélico tenha maior clareza é exemplificado da seguinte forma: Imaginemos que alguém cave o quintal para fazer um plantio e encontre um tesouro. Aparentemente parece que foi obra do acaso, mas o tesouro só foi encontrado, porque um dia alguém o

enterrou naquele local. Sabemos que é uma temeridade duvidar de um exemplo dito por um mestre como Aristóteles, contudo, o exemplo citado nos parece esclarecer apenas parte da questão, explica o fato através do princípio de causalidade, mas deixa obscuro qual a variável que explicará porque tal situação acontece com determinada pessoa e não com outra.

A Filosofia também identifica a Fortuna com a sorte e colocando-se no lugar dela procura confortar Boécio dizendo que:

E quanto a mim, é o desejo sempre insatisfeito dos homens que pretende me obrigar a fazer prova de uma constância incompatível com minha própria natureza! Minha natureza, o jogo interminável que jogo é este: virar a Roda (da Fortuna) incessantemente, ter prazer em fazer descer o que está no alto e erguer o que está embaixo: Sobe se tiveres vontade, mas com uma condição: que não consideres injusto descer, quando assim ditares as regras do jogo. Ignoravas mesmo a minha maneira de agir? (BOÉCIO, 2013, pag. 29)

A Fortuna da mesma forma que faz subir aquele que dela se vale, também o faz descer, e justamente por este motivo não devemos busca-la, nem deseja-la. É importante perceber que a Fortuna possui duas faces e sua função é de nos educar, pois quando se mostra sedutora acenando com uma aparente felicidade é desfavorável porque leva ao engano e a presunção, quando se nos apresenta adversa é para nos instruir os reais valores da vida.

FELICIDADE

Santo Agostinho em sua obra "Vida Feliz" investiga a natureza da felicidade, chegando a algumas questões interessantes. Ele diz que ninguém pode ser feliz sem possuir o que deseja, mas por outro lado possuir o que se deseja não é garantia de felicidade. A felicidade é um bem que não pode ser mutável, que não desapareça e que não possa ser perdido ou retirado por algum revés da sorte. Quem vive em busca de bens frágeis e perecíveis não pode ser feliz, pois se de um lado sempre haverá o medo de perdê-los, de outro restará à sensação de incompletude sempre desejando mais do que se possui. Agostinho conclui que é feliz quem possui um bem imutável. Esse bem imutável é Deus. Assim, é feliz quem possui a Deus.

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria. (AGOSTINHO, 2013, pag. 229)

A afirmação que é feliz quem possui a Deus se desdobra em outras três questões: possui a Deus quem vive bem; possuí a Deus quem faz o que Ele quer que se faça; Possui a Deus quem não possui em si um espírito imundo.

Mas, talvez, com palavras diferentes, exprimistes, no fundo, uma só e mesma ideia. Pois, se considerarmos os dois primeiros pareceres, vemos que quem vive bem faz a vontade de Deus; e quem faz o que Deus quer vive bem. Não constituem coisas diferentes: viver bem e fazer o que agrada a Deus. (AGOSTINHO, III, pag.18)

A questão sobre "espírito imundo" é investigada mais profundamente, concluindo-se posteriormente que não possuir impurezas no espírito torna o homem casto, e casto é aquele tem os olhos voltados para Deus e não se prende a nada além dele só.

No que diz respeito ao tema felicidade, Boécio de certa maneira também comunga com a linha de pensamento agostiniana. Ele inicialmente menciona a concepção aristotélica resumida na ideia que todas as ações humanas têm em vista a felicidade, mas adverte que a ignorância dos homens faz identifica-la com falsos bens. Muitos buscam a felicidade na riqueza, na honra, no poder, na glória, ou no prazer. Mas estes bens aparentes verdadeiramente não levam a felicidade conforme afirma Boécio.

"É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens". É para aí, como dissemos anteriormente, que todos os mortais se dirigem pelos mais diversos caminhos. Com efeito, todos os homens tem em si o desejo inato do bem verdadeiro, mas os erros de sua ignorância desviam-no para falso bens. (BOÉCIO, 2013, pag. 55)

A Filosofia após mostrar ao filósofo que os bens imperfeitos de forma alguma conduzem ao bem perfeito, conclui que a essência da felicidade é Deus, sendo Ele divino, só se consegue a felicidade ao possuir o divino, sendo um fim a ser buscado durante a vida toda do homem sobre a terra. Tal fato é confirmado no trecho onde se diz que:

"(.) é preciso admitir que o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. Mas nós tínhamos estabelecido que o bem perfeito é a verdadeira felicidade, portanto a verdadeira felicidade reside necessariamente no Deus soberano." (BOÉCIO, 2013, pag. 77).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com nossa ótica, os três temas apresentados estão intrinsicamente ligados, pois é fácil perceber que tanto o tempo, quanto o acaso interferem na realização da felicidade, ora, só é possível utilizar o tempo àquele que ainda tem tempo de vida, ou seja, quem está vivo, e isto é óbvio, além disso, o acaso sobrevém á todos de maneira imprevisível e misteriosa, portanto, não está sob o domínio da razão humana.

Não vemos como possível, pensar na felicidade como um objeto concreto, passível de ser alcançado ou conquistado, pois aquele que porventura acreditar estar em posse da felicidade terá também, junto com ela, o medo de perdê-la, como pode então realmente se considerar feliz? Para que a concepção de felicidade dita por Agostinho e Boécio, seja possível de ser alcançada nesta vida, seria necessário um estado pleno de ataraxia e aponia que resultariam em um nível elevado de imperturbabilidade da alma, se este estado é possível, não sabemos; mas tal pessoa, alcançando este estágio poderia ainda ser chamada de ser humano? Por exemplo, de que forma um pai, mãe, ou família feliz, pode manter-se feliz com a morte de um de seus filhos? Pensemos então de outra forma, é possível sermos plenamente felizes enquanto a fome e a guerra dizimam milhares de pessoas ao redor do mundo?

Fica claro para nós, que a felicidade não depende simplesmente da vontade, não sendo posse de apenas um indivíduo, justamente porque nossas vidas estão intrinsicamente ligadas as de nossas famílias, bem como a de outras pessoas e o que acontece com eles e com o planeta de uma forma ou de outra irá nos afetar. Acreditamos que a felicidade resume-se a aqueles momentos perfeitos, em que o universo, parece conspirar a nosso favor, momentos eternos e tão fugazes, que geralmente passam despercebidos, e são obscurecidos pela educação dogmática que recebemos na infância, aquela que nos ensina que a felicidade ocorrerá quando todos os nossos desejos forem realizados, fato este, que inevitavelmente nos faz valorizar o que ainda não temos em detrimento do que já possuímos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. Solilóquios; A vida Feliz. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BOÉCIO. Consolação da Filosofia. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.



<http://revistapandorabrasil.com>